

MIKAL GILMORE

Ponto final

Crônicas sobre os anos 1960 e suas desilusões

Tradução
Oscar Pilagallo



Copyright © 2008 by Mikal Gilmore

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Stories Done: Writings on the 1960s and its Discontents

Capa

warrakloureiro

Fotos de capa

Allen Ginsberg (Allen Ginsberg/ Corbis (DC)/ LatinStock)

Roger Waters (Neal Preston/ Corbis (DC)/ LatinStock)

Bob Dylan, Bob Marley, George Harrison, Jim Morrison, John Lennon, Johnny Cash, Leonard Cohen e Timothy Leary (Getty Images)

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Índice onomástico

Luciano Marchiori

Revisão

Veridiana Maenaka

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gilmore, Mikal.

Ponto final: crônicas sobre os anos 1960 e suas desilusões /
Mikal Gilmore; tradução Oscar Pilagallo — São Paulo : Companhia
das Letras, 2010.

Título original : Stories done : writings on the 1960s an its
discontents

ISBN 978-85-359-1719-2

1. Geração beat - Biografia 2. Música popular - Aspectos sociais
- História - Século 20 3. Música popular - História e crítica
4. Músicos - Biografia i. Título.

10-07266

CDD-780.92

Índice para catálogo sistemático:

1. Músicos : Biografia e obra 780.92

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ LTDA

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Introdução, 9

PIONEIROS E UMA CIDADE FRONTEIRIÇA

Allen Ginsberg: santo homem (*publicado em 1997*), 25

Timothy Leary: a morte do homem mais perigoso (*publicado em 1996*), 43

O fim de Jerry Garcia e o Grateful Dead (*publicado em 1995*), 70

A grande viagem americana de Ken Kesey (*publicado em 2001*), 92

O verão da perdição no Haight-Ashbury (*publicado em 2007*), 105

OS BEATLES: O AUGE E O LEGADO

O mistério em George Harrison (*publicado em 2002*), 129

Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band: com Beatles e sem Beatles (*publicado em 2007*), 171

O mistério em John Lennon (*publicado em 2005*), 186

OS DESLOCADOS

Johnny Cash: quando setembro chegar (*publicado em 2004*), 209

O inferno terreno de Bob Marley (*publicado em 2005*), 246

GÊNIOS, INTOXICAÇÃO, RUÍNA E DIFÍCEIS REGENERACÕES

A fábula da ruína americana de Phil Ochs (*publicado em 1997*), 267

Hunter S. Thompson: o último fora da lei (*publicado em 2005*), 270

Jim Morrison e os Doors: as virtudes do desperdício (*publicado em 2001*), 289

The Allman Brothers Band: vínculos musicais e elegíacos
(*publicado em 1990*), 310

A longa sombra do Led Zeppelin (*publicado em 2006*), 337

A loucura e o prodígio do Pink Floyd (*publicado em 2007*), 361

OS VIVOS

Bob Dylan: a antena do poeta do rock (*inédito nesta versão*), 383

A vida de depressão de Leonard Cohen (*de 2002, inédito nesta versão*), 398

Agradecimentos e uma lembrança, 423

Índice onomástico, 429

PIONEIROS E UMA CIDADE FRONTEIRIÇA

Allen Ginsberg: santo homem

Allen Ginsberg refletiu sobre o significado da inevitabilidade da morte por quase toda a carreira de escritor. Em 1959, em “Kaddish”, o poema narrativo sobre o declínio e a morte de sua mãe, Ginsberg escreveu: “*Death let you out, Death had the Mercy, you are done with your century*” [A Morte a deixou de fora, a Morte teve piedade, você passou por seu século].* E em 1992 escreveu sobre si próprio: “*Sleepless I stay up &/ think about my Death [...] / If I don't get some rest I'll die faster*” [Insone, fico acordado/ pensando em minha Morte [...] / Se não descansar, vou morrer mais depressa]. Ele morreu aos setenta, em 5 de abril de 1997. Sete dias antes, soube que a doença dos últimos anos se agravara — um câncer no fígado, inoperável. Assim que recebeu a notícia, Ginsberg voltou ao apartamento no East Village, em Nova York, e não alterou a rotina: sentou-se e escreveu um conjunto de poemas sobre as experiências de sua vida — nesse caso, sobre a iminência do fim. Um desses poemas — o longo, hilário e sentimental “*Death & Fame*” [Morte & fama] — foi publicado na *New Yorker* uma semana depois do desaparecimento do escritor. No poema, Ginsberg imagina centenas de amigos, admiradores e amantes reunidos no seu “grande funeral” e

* Allen Ginsberg. *Uivo e outros poemas*. Tradução, introdução e notas de Claudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 2010 [2005], p. 73. (N. E.)

ele gostaria que nos encômios alguém dissesse: “*He gave great head*” [Ele era bom de cama].

Nesses últimos dias, Ginsberg também conversou com amigos — o escritor William Burroughs, companheiro de toda a vida; Peter Orlovsky, namorado por várias décadas; o poeta Gregory Corso, entre outros — e escreveu uma carta para o presidente Bill Clinton (enviada por George Stephanopoulos, outro amigo de Ginsberg), exigindo, por gaiatice, uma medalha de reconhecimento. Em sua última semana, ouviu uma gravação de “C.C. Rider” na interpretação de Ma Rainey, uma cantora de blues dos anos 1920 — a primeira voz que Ginsberg teria ouvido. De acordo com um relato, ele cantou junto, vomitou e disse: “Puxa, nunca tinha feito isso antes”. Na sexta-feira, entrou em coma. Cercado por poucos amigos, Ginsberg morreu no sábado de manhã, dia 5 de abril de 1997.

Um fim tranquilo para uma vida intensa. Desde a morte de Elvis Presley, em 1977, e o assassinato de John Lennon, em 1980, não se lidava, na cultura pop, com uma percepção tão acentuada do fim de uma época. Allen Ginsberg não apenas fez história — ao escrever poemas que agitaram a consciência americana e ao assegurar que o movimento beat dos anos 1950 seria lembrado como considerável força literária —, mas viveu e incorporou algumas das mais extraordinárias mutações culturais da segunda metade do século. Da mesma maneira que Elvis, que os Beatles, Bob Dylan ou os Sex Pistols, Allen Ginsberg ajudou a liberar algo maravilhoso, arriscado e indócil em nossos corações e mentes. Talvez apenas o difícil e corajoso sonho de Martin Luther King Jr. tenha tido impacto libertador mais genuíno sobre as realidades da história recente e sobre pessoas e vozes que a sociedade quis manter marginalizadas. Da mesma maneira que Bob Dylan mais tarde transformaria a canção popular, Ginsberg transformou a poesia: qual seria a sua voz, o que articularia, a quem seria dirigida. As palavras de Ginsberg — pronunciadas em performances e vivenciadas em ações — devolveram à poesia a relevância política e cultural que tivera nos anos 1840 com os transcendentalistas (Ralph Waldo Emerson e Henry Thoreau entre eles) ou, em 1855, com a escandalosa publicação do clássico de Walt Whitman, *Folhas de relva*. Na realidade, nas mãos de Ginsberg, a poesia provou ser bem mais que uma vocação ou a seara de literatos e críticos refinados. Ginsberg fez do dom de escrever uma missão — “tentando salvar e curar o espírito da América”, como escreveu na introdução de *The Beat Book*, da poeta Anne Waldman. Nesse processo, ele não apenas influenciou gente como Bob Dylan,

John Lennon, Lou Reed, Patti Smith e Jim Carroll. Ecos do seu trabalho também podem ser ouvidos em *Advertisements for Myself* [Recados para mim mesmo], de Norman Mailer, nos escritos e feitos do presidente da Tchecoslováquia Václav Havel, nas vidas e façanhas dos rebeldes dos anos 1960, como Timothy Leary, Tom Hayden e Abbie Hoffman. É possível ainda perceber os efeitos de Ginsberg numa geração mais recente de artistas, como Sonic Youth, Beck, U2 e vários dos nossos ótimos poetas do hip-hop.

Ginsberg também foi, claro, simplesmente um homem — às vezes generoso, às vezes competitivo, ciente de seus vícios e virtudes, velho na sabedoria e juvenil nos gostos e afeições, e implacavelmente promíscuo, ainda que com total fidelidade. Mais do que tudo, no entanto, Ginsberg foi alguém que um dia juntou coragem para falar verdades ocultas sobre coisas indizíveis, o que serviu de consolo e incentivo para os que se miraram em seu exemplo. Esse exemplo — a insistência em não se calar e não se conformar com valores ou experiências limitadas — talvez seja o maior legado de Ginsberg. Hoje, há muitos outros artistas que dão prosseguimento a essa tradição — de Dylan, Smith e Reed a Eminem ou Dixie Chicks e vários outros — e por isso a morte de Ginsberg não nos priva de possibilidades, como aconteceu nas terríveis mortes de Kurt Cobain, Tupac Shakur e Notorious B.I.G. E assim é porque toda a vida de Ginsberg foi um processo de se abrir (e nos abrir) a possibilidades. De qualquer maneira, é uma enorme perda. Que não haja dúvida: um gigante esteve entre nós. A única coisa apropriada a fazer será avaliar o que ele fez por nós e pelos Estados Unidos.

Allen Ginsberg nasceu em 1926, filho de pais judeus de esquerda nascidos na Rússia que possuíam sofisticado repertório cultural (o irmão mais velho de Allen, Eugene, foi assim chamado em homenagem ao sindicalista Eugene V. Debs;* Ginsberg também se recorda de que a música de Ma Rainey, Beethoven e Bessie Smith enchia a casa da família em Paterson, New Jersey). O pai de Allen, Louis, foi um poeta respeitado. Louis e Allen discordaram por muito tempo sobre a linguagem e a estrutura da poesia, mas nos últimos anos da vida do pai,

* Eugene Victor Debs (1855-1926) foi um dos fundadores do Partido Socialista dos Estados Unidos, agremiação pela qual se candidatou cinco vezes à presidência do país no início do século xx. (N. T.)

os dois fizeram com frequência leituras conjuntas, trocaram poemas e tiveram uma relação de afeição e respeito genuínos.

Mas foi a mãe de Ginsberg, Naomi, que teve influência mais profunda e duradoura na vida, na mentalidade e na obra do filho. Em 1919, ela já apresentava sinais de esquizofrenia. Recuperou-se e retomou as atividades de ativista e mãe, mas alguns anos depois do nascimento de Allen teve forte recaída. Naomi se internou num sanatório e durante boa parte da vida foi transferida de uma instituição psiquiátrica para outra. Nos períodos que passava em casa, costumava criar fantasias assustadoras sobre um pacto entre o marido, Hitler, Mussolini e o presidente Roosevelt, todos envolvidos num complô para controlar sua mente. Ela também passou a andar nua pela casa. Allen — que deixava de ir à escola para cuidar da mãe nos piores dias — lia para ela, tentando ignorar a nudez e o delírio.

Crescer testemunhando a loucura e sem ter os cuidados de uma mãe carinhosa teve enorme impacto em Ginsberg. Pelo menos, isso o preparou para lidar com duras realidades. No filme *The Life and Times of Allen Ginsberg* [A vida e a época de Allen Ginsberg], de Jerry Aronson, Ginsberg afirma: “Para mim, foi como uma tela protetora que me permitia ouvir pessoas morrendo e tocar a vida apesar disso. [...] Sobrevivi sem derramar lágrimas para que, em certo sentido, elas surgissem mais tarde num poema, e não no desmoronamento imediato do meu mundo. Meu mundo caíra havia muito tempo”.

Os problemas de Naomi — e sua ausência de casa — também puseram em relevo a privação e a incerteza que de vários modos acompanharam Ginsberg por toda a vida, tendo afetado a maneira com que, como criança, ele fez conexões entre estímulos eróticos e satisfação emocional. Ginsberg várias vezes relatou que durante as noites solitárias, quando sua mãe estava fora, aninhava-se ao pai e lhe roçava o pênis ereto nas coxas, enquanto Louis, de costas para o filho, tentava dormir e ignorar a atividade. Finalmente, os problemas mentais de Naomi também fizeram com que Ginsberg se preocupasse com sua possível loucura e se tornasse solidário com pessoas problemáticas — e o converteram numa pessoa com medo de sombras e fantasmas, dada a ter visões. Ao completar onze anos, Allen já escrevia sobre esses assuntos nos primeiros diários, quando uma descoberta lhe deu certo conforto e força: as palavras, ao contrário do mundo ao seu redor, eram algo que ele dominava, algo com que podia expressar seus pensamentos, algo de que poderia se orgulhar.

Mas além da solidão e dos temores que marcaram sua infância, Ginsberg herdou dos pais inteligência aguçada e muito da compaixão política. Aos dezenas de anos, percebeu que se sentia sexualmente atraído por homens; em particular, adorava um colega que deixou Paterson para estudar na Universidade Columbia, em Nova York. Em 1943, Ginsberg recebeu uma bolsa de estudos da Associação Hebraica de Jovens de Paterson e seguiu imediatamente para Columbia.

Ginsberg chegou à universidade com planos de se tornar advogado trabalhista, mas dois ambientes intelectuais fizeram com que mudasse de ideia. O primeiro era o formidável departamento de inglês de Columbia, que na época contava com o poeta Mark Van Doren, detentor de um prêmio Pulitzer, e o crítico literário Lionel Trilling; Ginsberg encantou-se com esses mentores, e logo pediu transferência para o curso de literatura. Ao longo do ano seguinte, travou amizade com um grupo de jovens — alguns deles estudantes de Columbia — que provocou uma reviravolta em sua vida e se tornou, desde então, sua segunda família. Entre eles estavam William Burroughs, Lucien Carr e um astro do futebol americano com aspirações literárias chamado Jack Kerouac. O vínculo entre esses homens não apenas transformou seu próprio destino, mas o de futuras gerações. Em particular, Ginsberg e Kerouac pareciam ter uma conexão especial. Ambos eram assombrados pela infância — Kerouac tinha um irmão mais velho, Gerard, que morrera jovem, e sua mãe costumava lhe dizer: “*Você era quem deveria ter morrido, não Gerard*”. Mas a coisa mais importante que esses jovens compartilhavam em meados dos anos 1940 era a sensação de que havia grandes segredos espreitando o coração da América e maneiras intensas e audaciosas de explorar a arte e a alma da nação — havia aventura e transcendência a serem vividas. Na realidade, o país estava na iminência de mudar dramaticamente, mas o significado dessa mudança não seria totalmente compreendido e reconhecido pelos vinte anos seguintes. Em 1945, a nação emergiu vitoriosa dos horrores da Segunda Guerra Mundial e entraria numa longa era de prosperidade e oportunidade; a nova vida americana, como disseram muitos políticos, era agora o novo padrão mundial da boa vida. Mas tudo isso teve um inesperado custo psíquico: estar ciente da perspectiva de devastação nuclear alterou todas as possibilidades de futuro. Além disso, apesar das vitórias no exterior, havia muitas batalhas não travadas internamente, inclusive a delicada questão dos direitos das minorias. Ginsberg, Kerouac, Burroughs e o grupo todo estavam

começando a ser levados por esperanças e ideais decididamente diferentes. Eles ouviam o bebop do saxofonista Charlie Parker e do pianista Thelonious Monk, experimentavam maconha e anfetamina, travavam conhecimento com o submundo vagando de madrugada pela Times Square. Um novo mundo — um mundo ainda em grande parte oculto — estava começando a nascer, e eles ansiavam por isso.

A amizade que se desenvolveu entre eles era complexa, às vezes tensa, às vezes carinhosa, mas o que a manteve viva por tanto tempo foi uma inquietação comum, o desejo de explorar assuntos como a mente, a estética e a sensibilidade. Com o tempo, esse grupo viria a ser o núcleo de uma comunidade artística e literária conhecida como geração beat — o primeiro movimento contracultural de grande impacto na sociedade americana. Mas tudo isso ainda estava distante, pois antes de o beat se transformar em movimento ou estilo, era simplesmente a maneira que eles tinham escolhido de viver suas vidas, de examinar suas próprias experiências e opiniões sobre coisas interiores, como o espírito, e exteriores, como as noitadas, a música e o sexo. Às vezes, tinham relações sexuais entre si (Ginsberg contaria mais tarde que ele e Kerouac se masturbaram mutuamente depois de uma noite de bebedeira; anos mais tarde, Ginsberg teve um caso com Burroughs). Em geral, passavam as noites consumindo álcool e drogas leves (embora Burroughs logo tenha se convertido à heroína), ficavam acordados até o sol raiar, falando sobre poesia, visões e a loucura de Blake, Whitman, Rimbaud, Dostoiévski, Céline, Genet e Baudelaire; sobre o que a literatura tinha a aprender com o jazz; sobre o que era verdadeiramente sagrado e verdadeiramente permitido na vida de uma pessoa. Com o passar do tempo, extraíram éthos e estética do que chamavam de Nova Visão — que vinha a ser a ampliação das experiências pessoais, a procura de verdades em realidades distorcidas e no sexo, a busca da espiritualidade nas camadas mais profundas da vida e, mais importante, o compromisso de improvisar na maneira de viver, escrever, falar e se arriscar. Nessa época, um amigo do grupo, Herbert Huncke, um garoto de programa junkie e bissexual, se referia a eles como *beat*, termo que descreve alguém que está esgotado, acabado. Kerouac preferia outra associação: a palavra “beatitude”. Com o tempo, as duas origens fizeram sentido: beat passou a simbolizar a ideia de que para descobrir e liberar o verdadeiro “eu” era preciso antes descer às zonas mais recônditas, extenuadas e desoladas do coração, da alma, do corpo e da consciência. Consequentemente, beat era ao

mesmo tempo uma expressão carinhosa e rude, erótica e espiritual. Mais tarde, Ginsberg escreveria a Kerouac: “Nem posso acreditar que entre nós [...] temos o núcleo de uma geração totalmente nova e historicamente importante”.

Mas o movimento dos companheiros também levou a excessos que custaram caro. Em agosto de 1944, Lucien Carr matou a facadas seu amigo David Kammerer, depois de uma noite de bebedeiras e discussões. Carr era um rapaz bonito e Kammerer estava obcecado por ele, assediando-o sem trégua. Depois de esfaqueá-lo, Carr seguiu imediatamente para o apartamento de Burroughs e lhe contou o que acabara de fazer. Burroughs o aconselhou a se entregar à polícia. Carr, no entanto, foi procurar Kerouac, accordou-o e lhe fez a mesma confissão. Kerouac o ajudou a se livrar da faca. Em poucos dias, Carr acabou se entregando e Burroughs e Kerouac foram presos por terem-no auxiliado. Ginsberg também foi castigado por fazer parte desse grupo perigoso. Na realidade, ele sentiu que as atitudes “libertinas” do grupo tinham contribuído para provocar a tragédia — e essa percepção faria com que, nos anos seguintes, fosse mais cauteloso com qualquer excesso que pudesse levar à violência. No fim, Carr foi condenado à prisão (onde passou dois anos), e por um breve período o grupo se dispersou. Poucos meses mais tarde, Ginsberg foi flagrado na cama com Kerouac no alojamento estudantil em Columbia; por essa infração, e por rabiscar ofensas no pó acumulado no peitoril da janela, Allen foi suspenso da universidade por um ano. Por algum tempo, o grupo viveu altos e baixos. Orbitou em torno de Nova York até que, em 1949, Ginsberg se envolveu com o drogado e ladrão Herbert Huncke. Essa associação levaria Ginsberg a ser detido por posse de objetos roubados e internado no Instituto Psiquiátrico Presbiteriano de Columbia — eventos que teriam grande influência em sua poesia.

Antes disso, no entanto, em fins de 1946, surgiu um tipo no círculo beat — e seu envolvimento com o grupo provocou impacto sísmico em Ginsberg e Kerouac. Neal Cassady era um jovem impetuoso, de raciocínio rápido e com um brilhantismo natural. Ele não escrevia muito (na realidade, escreveu muito pouco), mas aos outros dava a impressão de viver sua vida como um romance. Viajava sem parar pelo país, masturbava-se todos os dias e ainda fazia sexo com muitas garotas bonitas (e alguns garotos também) que encontrava pelo caminho. Envolveu-se com Carolyn Robinson e, por algum tempo, o casal se estabeleceu em Denver. Kerouac deixou-se levar pela linguagem rápida e intensa de Cassady — parecia uma versão falada do bebop — e pelo seu desejo de testar os

limites da experiência sensual e do ímpeto sensorial da vida. Ginsberg impressionou-se com tudo isso, mas, antes, ficou arrebatado pela beleza de Cassady. Certa noite, depois de uma festa, os dois foram para a cama. Ginsberg assustou-se com o próprio desejo, como admitiria mais tarde, mas Cassady o abraçou, atraindo-o com um movimento suave. Foi a primeira vez que Ginsberg experimentou um amor de verdade.

Ginsberg apaixonou-se por Cassady e a busca desse amor — e a intensidade de como tudo deu errado — seria um episódio fundamental em seu desenvolvimento como artista. Cassady começou a desencorajá-lo, mas Ginsberg foi atrás dele até o Colorado. Eles ainda faziam sexo ocasionalmente, mas Ginsberg sabia que não significava muito para Cassady. Voltou arrasado para Nova York e mais tarde complicou-se com Huncke.

No início dos anos 1950, Ginsberg já sofrera muito por ter perdido Cassady, e também se submetera a tratamento psiquiátrico. Sem saber o que queria fazer, trabalhava numa agência de publicidade em Manhattan. Um dia, discutindo o assunto, seu terapeuta perguntou o que ele *realmente* queria fazer da vida. Ginsberg respondeu: demitir-se e escrever poesia. O terapeuta disse: “E por que você não faz isso?”. Um pouco depois, em 1954, a antiga turma começou a se juntar, dessa vez nos arredores de San Francisco. Neal Cassady e Carolyn haviam se mudado para San Jose, e Kerouac apareceu por lá para visitá-los. Na cidade de San Francisco germinava um movimento literário, parcialmente estimulado pelo sucesso dos poetas locais Kenneth Rexroth e Lawrence Ferlinghetti — este acabara de abrir a City Lights, a primeira livraria do país que, além de só vender brochuras, publicava poetas da Costa Oeste dos Estados Unidos. Allen viajou para San Jose. Estava interessado em poesia, e também em Neal. Uma tarde, ao chegar em casa, Carolyn surpreendeu Cassady e Ginsberg na cama, o amigo com a boca no pênis do marido. Ela expulsou de casa o hóspede, mas ainda o levou de carro até San Francisco e lhe deu vinte dólares.

Foi a melhor coisa que aconteceu a Ginsberg. Ele logo se enturhou com os poetas que viviam em North Beach, e conheceu um homem com quem ficaria envolvido por décadas, Peter Orlovsky. Todas as esperanças e visões de anos antes em Nova York começavam a se concretizar para alguns deles — especialmente para Kerouac, que tinha terminado dois romances, e para Ginsberg, cuja poesia estava pronta para irromper. Uma tarde, em agosto de 1955, Ginsberg

pôs papel na máquina e tentou escrever um poema que obedecesse ao seu ouvido, mas também captasse a espontaneidade dos escritos mais recentes de Kerouac. Em seu pequeno apartamento, Ginsberg escreveu o dia inteiro pensando em muitas coisas: amores perdidos, amores encontrados, o povo desprezado da América, as promessas descartadas da América, o medo que tinha sentido, o medo que todos sentiriam.

Dois meses mais tarde, em outubro, Ginsberg — com a ajuda de Kenneth Rexroth — organizou um recital poético numa galeria de arte e cooperativa, a Six Gallery, para apresentar alguns autores. Seis poetas fizeram leituras naquela noite — inclusive Gary Snyder, Michael McClure e Philip Lamantia — para uma audiência de cem a duzentas pessoas, com Kerouac sentado no chão, bebendo e batucando numa jarra de vinho enquanto gritava “vamos lá, vamos lá”, marcando a cadência das palavras declamadas. Ginsberg foi o último, e quando começou a ler *Uivo* — o poema que escrevera de uma enfiada dois meses antes —, a plateia ficou paralisada já nos primeiros versos sobre os visionários destruídos por suas próprias revelações: as mesmas pessoas que agora ouviam o poema. Ginsberg descreveu em seguida o demônio em que, para ele, a América estava se transformando — “*Moloch whose blood is running money! Moloch whose fingers are ten armies*” [Moloch cujo sangue é dinheiro corrente! Moloch cujos dedos são dez exércitos!]* — e, quando terminou, a plateia explodiu em aplauso. “De repente”, Rexroth diria mais tarde, “Ginsberg leu isso que ele tinha guardado e tudo foi pelos ares. As coisas nunca mais seriam as mesmas.”

Uivo foi um dos eventos mais incandescentes da história literária ou da cultura do pós-guerra e seu aparecimento garantiria aos beats um lugar no mapa dos tempos modernos. Além disso, como o poema ganhava tanta força quando lido por Ginsberg, marcou a volta da arte de recitar. O mais importante, no entanto, é que *Uivo* foi a primeira obra americana de fôlego a abordar os rejeitados, os loucos e os esquecidos e o que estava para acontecer com a alma da nação. No contexto daqueles dias, em meio a um apavorado nacionalismo moldado pelo temor ao socialismo e ao comunismo e pela necessidade premente de se acreditar na segurança representada pela família e pelos valores morais tradicionais, *Uivo* golpeou o cerne do ideal americano de civilização.

* Moloch é uma divindade bíblica cruel, citada no Levítico, à qual se fazem sacrifícios humanos. (N. T.)